



IMPRESA E LUITA CONTRA A AUTOESTRADA

Impressions dumha visita à hemeroteca, com paragem no tratamento da imprensa comercial de um episódio das luitas populares galegas: a oposiçom à construçom da autoestrada do Atlántico. A suposta pluralidade duns meios que construíam o edifício ideolóxico da 'Transiçom' excluía os discursos alheios às convençoms do sistema.

CRIAÇOM

Inés Liste, baixo o pseudónimo de 'besbe', começou a escrever um blogue em 2006, colaborou na revista de música Sono-Tone e escreveu artigos de opiniom no jornal Galiciaé. Pouco depois começou a publicar as suas obras na plataforma online A Regueifa, e de seguido chegaram os prémios. Com ela exploramos o género da distopia num julho irredento.

CINEMA

Um repasso da mao de Xurxo Chirro à filmografia do realizador Lois Patiño, cujo documentário 'Costa da Morte' vem de ser seleccionado para o Festival do Filme de Locarno. Esta fita dá conta da paissagem e da vida deste território através das suas variaçoms ao longo de um ano, num projeto que é síntese da trajetória filmográfica de Patiño ate o momento atual.

EM TEMPOS

A inquedante lucidez do apetite conservador

Carlos Calvo Varela

Há anos umha conhecida revista de pensamento crítico tirava do prelo um novo número. Intitulava-se *A inquedante lucidez do pensamento reacionário*. Com certeza, muito antes de que a esquerda fascina-da polo progresso começasse a alviscar – e só através do razocínio – as nocividades da modernidade, os conservadores lúcidos sentiram-nas nas entranhas, como umha indigestom.

Mikhail Bakhtine, o genial historiador soviético, evoca a cultura popular do Medievo e renascimento, quando o gosto, tacto e olfato ainda nom só nom foram degradados e despojados de todo valor epistemolóxico, senom que eran acervos privilegiados ao mundo; quando a intimidade etimológica entre o 'sabor' e o 'saber' *ainda era transparente*: “*O encontro do homem com o mundo que se opera na boca que tritura e desgarras e masca é um dos termos mais antigos e notáveis do pensamento humano. O homem degosta o mundo, sente o gosto do*



mundo, introduze-o no seu corpo, fai-no umha parte de si próprio”.

Desta nutritiva e “festiva verdade” apenas se conservárom uns ecos desfigurados e caricaturescos, como a petulante magdalena de Proust. Porém, os nossos conservadores mantivérom-na alerta. Comentamos já a adversom de Cunqueiro ao molho de tomate – “esse sabor tira-sabores”-, mas nem podemos imaginar o pesade-

lo que sería para o mindoniense um jantar ‘on the road’, ketchup mediante. Chesterton, em troques, viu-lhe o rabo e os cornos à modernidade nas bolachas: “Bolachas para alguém que comeu o queijo nas nossas campinhas! Bolachas para alguém que voltou provar a santidade dos antigos sponsais do pam e o queijo! Dirijim-me ao camareiro com cálidas e comovedoras palabras. Pergun-

tei-lhe quem era ele para reparar o que a humanidade tinha unido. Perguntei-lhe se, como artista, nom sentia que umha substância sólida mas dócil como o queijo harmonizava naturalmente com umha substância sólida e dócil como o pam; comê-lo com bolachas era como comê-lo com anacos de lousa”. De volta na nossa terra, Vicente Risco localizava a destruiçom do gosto tradicional no “café

con leche” (assim, em español, para maior ênfase). Assegurava o de Ourense que dos povos e dos homens podem-se fazer duas castes “polo almoço: os que tomam chocolate, papas, cascarilha, sopa de alho, aguardente, etc., e os que tomam café com leite”, alimento de “povos decadentes aos que já nom há cousa que lhe valha” e cuja ingesta apenas exculpa quando um vai de viagem, “para nom tomar umha cousa pior”.

Após fazer as tipologías relativamente simples dos almoçadores de papas e chocolate, remataa por render-se perante as inexplicáveis tradiçoms dos galegos almoçadores de lume: “Ora, dos que tomam aguardente, nom se sabe que pensar”. E é que se o Séchu Sendé, quando viajou ao Curdistám, recebeu umha surpreendente resposta à pergunta de se ali a mocidade fai algo parecido aos ‘botelhons’: “mmm.... Juntam-se para fazerem cócteis molotov”; que pensarám os curdos ao ver que os galegos se juntam para bebê-los?

Topas, 1º de maio de 2013.



EM TEMPOS

Umha luita popular na imprensa burguesa

A suposta pluralidade nos meios na ‘Transiçom’ encobria o serviço total ao régime

Alberte Formoso

Esta análise, simples repaso de hemeroteca, estuda cobertura informativa do processo de confronto popular à Autopista del Atlántico. Partindo do papel reduzido de certos meios independentes e progressistas, com um mais ou menos explícito compromisso com o País (ponha-se por caso a revista Teima ou o semanário A Nosa Terra), toma-se como objeto de estudo dous jornais espanhóis de forte tradição e quotas de leitura na Galiza: La Voz de Galicia e Faro de Vigo. A escolha, no caso do Faro de Vigo, reforça-se por terem-se dado na sua área de influência alguns dos episódios mais conflituosos da luita. Pretende ser mostra do comportamento habitual da imprensa burguesa, e portanto do discurso mais instalado socialmente, sobre

Própria da altura era a política editorial “dos comunicados”: a imprensa pretendia revestir-se de democrata convertendo-se numha tabela para brochuras de qualquer organização política

as reivindicações populares de confronto ao ‘desarrollismo’ durante a segunda restauração bourbónica.

Em primeiro termo, é preciso assinalar o tratamento informativo dos acontecimentos noticiosos propriamente ditos, especialmente mobilizações vizinhas para a paralisação dos trabalhos de construção, que fôrom umha constante. A sua aparição costuma trazer um altíssimo conteúdo e proeminência de dados puramente documentais e sem quase olhadas com perspectiva e interpretação. Assim, dia trás dia vê-se um pinga-pinga contínuo de pequenas notícias assolagadas de horas, paróquias e sítios, nomes de manifestantes e declarações dos corpos repressivos, e umha trás de outra vez as mesmas reivindicações indicadas em comunicados de afetados; umha e outra



vez declarações ministeriais de paralisação e continuação das obras, e “soluções ajeitadas” para os vizinhos. Joga-se assim com a sobre-informação, com a saturação de cifras e letras que provoca desinteresse e culmina no vazio informativo. Sem visom de conjunto nem análises, sem chegar as vidas que há por trás e o seu dia a dia, vestindo-se de umha suposta assepsia para ao fim alhear ao leitor. Do mesmo jeito se atua ao tratar as contadas ações de violência exercidas contra a maquinaria da concessionária, ainda com umha maior profusom de dados que facilmente podem incidir na criação dum alarme social excessivo. Própria da altura em que se desenvolverom os factos era a política editorial que alguns dêrom em denominar “dos comunicados”: a imprensa, num intento desesperado de se guindar de acima todos os seus vínculos tradicionais com o

nacional-catolicismo, pretendia revestir-se dum manto de democrata, convertendo-se numha tabela em que praticamente qualquer organização política pudera ver pendurados os seus comunicados sobre os mais diversos temas. Mas essa democratização nom ia além disso, dum simples copiar e pegar comunicado trás comunicado e réplicas consecutivas às prévias réplicas e contra-réplicas dumhas e outras forças. E assim este foi também um fator elementar na seqüência antes explicada “sobre-informação - desinteresse - vazio informativo”. A este respeito, a publicação do comunicado de Falange Española de las J.O.N.S. (autêntica) de apoio à manifestação do 4 de setembro desse ano, espelho da função de tabela política, que se bem tem umha função documental que é de agradecer nom cumpre com o labor jornalístico. Também como

As peças, superficiais e pontuais, foram um fator elementar na seqüência “sobre-informação - desinteresse - vazio informativo” dominante

exemplo da luita de declarações na imprensa, está o caso do comunicado da Coordinadora Nacional de Afetados após a nomeada manifestação e a resposta da UPG e algumas associações de vizinhos; ou a entrevista em Faro de Vigo ao presidente da “Asociación de Amigos de la Autopista” e as esclarecimentos da Coordinadora Nacional, onde se observa ademais a desvantagem das posturas em contra da autoestrada. Caracterizava-se também a imprensa nos anos 70 por umha preponderância do institucional na

hierarquia temática. Isto encontrava a sua representação gráfica mais que clara na paginação que se dava às notícias procedentes do dito plano institucional: a mesma proeminência de dados numha relação cronológica de feitos do mais minucioso, com planas completas por vezes. O jeito em que aparece recolhida em agosto de 73 a notícia da adjudicação da obra (em que mesmo se di que sairá beneficiada a Galiza interior) é umha primeira mostra do assinalado, mais outra encontramos-na na sessão de informação sobre a autoestrada à Assembleia de Parlamentários da Galiza; ou na cobertura à intervenção do senador do PSOE Yuste Grijalba a respeito da infraestrutura. Exemplo exagerado som as informações aparecidas com motivo da visita à Galiza do Ministro de Obras Públicas, Leopoldo Calvo Sotelo, nos dias 21 e 22 de março de 77. O seguimento da visita é espantoso, e se bem nom foi o essencial o tema da autoestrada durante a viagem, é o melhor exemplo dessa função dos meios como propagandistas do regime e do seu processo de transformação. A esse respeito, é também interessante observar a relevância outorgada ao PSOE, como representante da esquerda “civilizada” institucional, nos seus pronunciamentos sobre o tema. Relevância que nom só se reduz às intervenções desta força nos foros de governo, senom que também se observa a diferença no tratamento dos comunicados desta e outras organizações.

Por outra banda, a falha dum debate público em profundidade do projeto da autoestrada foi umha eiva importantíssima do labor dos meios. Em poucos casos encontra-se menção ao traçado alternativo que propugera o grupo CIES, e apenas pola presença e publicidade da proposta nalgum ato público é nomeada esta. Em nungum momento se entra a falar dos interesses financeiros que existiam por trás do projeto e da sua relação com certos cargos públicos ou das condições da concessão. Nom se fornece à cidadania de dados como esses, e é exemplo de ocultação a do estudo da delegação na Galiza do ‘Colegio Oficial de Ingenieros de Caminos’.



A FOTO

Charo Lopes

As princesas

Nom aleitam as filhas -até a idade em que já conseguem atirar com a fisga no capacete do anti-distúrbios-. Também nom matam galinhas -mirando-as aos olhos e pedindo perdom-.

As pop-stars

Nunca amarram gládíolos ao pau da luz no quilómetro 48 da N-550 no lugar exacto, onde arremeteu o Citroën aquele sábado.

Mas as mulheres, as mulheres sim.

Abortam. Okupam casas. Liberam países. (liberamos)



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Um novo género para um novo relato n'A Revista. A corunhesa Inés Liste achega-nos umha distopia com a que reflectirmos sobre o nosso futuro... ou o nosso presente.

Zacarias

por Inés Liste

Guardou os projectos nos cartafoles correspondentes, fechou os programas que estava a utilizar, deixou constância dos processos e procedimentos do dia, desconectou a câmara de segurança e desligou o computador. Apanhou o cartom de identificação e, depois de um elevador e dous bips que verificárom a saída do edifício de Mónica Balado (mulher, 32 anos, Quarta Migração, 8º andar, posto 1536), a rua apresentou-se diante dela.

Com o mesmo cartom subiu à linha 30 onde o plasma interactivo lembrou-lhe a necessidade de comprar duas rações de comida. No caminho à loja foi lendo no seu dispositivo móvel as novas mais destacadas da jornada, as escolhidas polos médios e polos seus case 700 amigos, proporcionadas através da sua rede social favorita. O mais relevante era umha outra guerra nas colónias que ficavam a 8.000 kms de distância. Nom se preocupou pois algo chamou a sua atençom: umha nova aplicação permitia saber qual seria o momento mais feliz de toda a tua vida. Guardou-na para mais tarde ao tempo que baixava na sua parada e continuava lendo sobre o debate da modificação da Lei de Celibato com um endurecimento de condições e um aumento da idade mínima para poder emparelhar-se. Mais novas, outro sucesso no processamento de material genético. Por um intre pensou na época da Grande Fame, as extinções no Continente e o pouco que sabia desses tempos. Ela fora parte da Quarta Migração. Oh! Nova de última hora: actuação de Diane Nolim na cidade! Deveria comprar logo os passes já que a experiência diziam que era única!

No apartamento solicitou o aluguer de Zacarias, um exemplar de gato processado de ADN resgatado. Tomou o anti-histamínico e pensou o caro que era ter a companhia de um animal; proporcional aos gastos de processamento e à sensação obtida, concluiu.



Reviu de novo o dispositivo e baixou a aplicação Happy Times. Dizia que podia saber o momento mais feliz de toda a tua vida. De toda a tua vida, mesmo da que ainda estava por vir. De ser assi, a actuação de Diane Nolim teria que estar ali. Ou Zacarias. Ou a sua futura ascensom na Empresa. Conectou-se ao circuito terapêutico de controlo neural e aguardou. A aplicação prometia obter as emoções e sensações sem estragarte a memória do vivido ou nom vivido. Incrível e seguro.

Aguardou enquanto relaxava e notou que aplicação funcionava: sentia-se feliz, querida, protegida. Era parte dalgo mais grande, admirava a uniom à que pertencia. Notava a calor do ambiente. Sabia exactamente a que momento pertencia essa sensação. Antes da Quarta Migração. Um jantar com toda a sua família...

Outros pensamentos passaram pola sua cabeça: seria esse o momento mais feliz da sua vida? Tinha que alegrar-se ou deveria preocupar-se? Que era da sua família? Nom voltariam mais essas sensações?

No Centro onde se registava a actividade dos circuitos de controlo neural saltaram os alarmes. Estavam-se a dar distorções que punham em perigo o sistema. Processo: Intervençom terapêutica. Procedimento: Terapia amnésica por electrobioindução.



Meus caros óculos

Valentim R. Fagim

Quando uma pessoa tem uma forma diferente de ver as cousas pode provocar em nós diferentes atitudes, a oscilar entre a curiosidade e o rejeitamento. A curiosidade tem alguns pontos muito fracos, é preciso reconhecê-lo. Para já, implica que o “outro” é tão humano como nós, até o ponto de merecer o relacionamento. Pelo contrário, o rejeitamento permite-nos, ó glória, ficar à vontade com os nossos óculos. Quem não tem apego aos seus óculos? E quanto mais rígidos o apego é maior, certeza.

Ora, falamos do “outro”. Quem é a tal personagem? Alguém que está muito longe? Nem sempre.



Na Galiza há umas minorias minoritárias que pensam, ó heréticos, que o galego pode ser uma língua nacional, dessas que servem para a vida social das pes-

soas. Muitas vezes é a própria família quem (n)os olha com estupefação mas nós teimamos. Um grupo tão peculiar deveria, no seu relacionamento interno, olhar-se,

no mínimo, com curiosidade, quando não com simpatia.

Ora, nem sempre é assim embora muito tenhamos avançado. O amigo Séchu Sende estava num

barco onde fora convidado a falar do seu livro *Viagem ao Curdistão*. Como não todos nascemos para marinheiros, mareou-se e tivo que declinar a palestra. Sentou no convés para tentar recuperar o fôlego e aproximou-se um rapaz da sua idade. O tal também adorava o tema do Curdistão, conversaram um bocado e, a dado momento, o autor convidou-o a sentar e aproximou-lhe o livro. Quando o seu traseiro estava próximo a beijar a madeira, a visão de viaGeM ao Curdistão provocou sabe-se lá o quê mas reincorporou-se com presteza e exclamou: Não é nada pessoal!

Ai, os óculos, Dioptrias for ever.

CINEMA

‘Costa da Morte’ seleccionado em Locarno

Xurxo Chirro

O filme de Lois Patiño foi seleccionado para a próxima edição de um dos eventos cinematográficos mais importantes a nível mundial: o Festival do Filme de Locarno. Com esta presença o cinema galego repete participação no certame suíço. Se o ano passado foi Eloy Enciso, com o seu *Arraianos*, agora toca-lhe a vez ao filme *Costa da Morte* de Lois Patiño que engrossará a secção Cineastas do Presente. Esta reiteração de presença galega em dous anos consecutivos nom há que vê-la como algo usual senom como um feito excepcional que poucas cinematografias tenham possibilidade de acadar. Desde aqui remarco esta circunstância para assinalar que a participação de filmes galegos em festivais internacionais é o fenómeno de maior promoção da cultura galega no exterior nos últimos anos.

Nom obstante há que dizer que o extraordinário logro de Lois Patiño nom é algo que nos colha por surpresa já que desde fai

tempo já é um cineasta do presente. O viguês chegou ao cinema desde o eido da psicologia e deste salto compreendem-se os seus primeiros filmes documentais *Rostros de arena*, *Recordando los rostros de la muerte* e *Rayito*. Som obras centradas em aspetos psicológicos dos seus personagens e realizadas dentro da influência de um contexto de espreguiça do peso das fórmulas popularizadas no cinema espanhol no eido do documental.

Mas Patiño dá um passo à frente e começa a estudar polo miúdo a ferramenta cinematográfica. Abre umha segunda etapa onde afunda no carácter estético do cinema estudando a alteração dos parâmetros espaço-temporais. Nesta etapa mais contemplativa explora a hibridação do cinema com outras artes como pode ser a pintura e a fotografia. Isto pode-se ver nas distintas curta-metragens que comonhem as séries de inspiração 'deleuzeiana' *Paisaxe-distancia* e *Paisaxe-duración*.

Mas este processo de introspeção levou-no a umha terceira etapa. Abriu o foco. Começou a



pôr em prática todas as suas procuras em projetos de maior enxúndia onde impregnar-se com a psicologia da paisagem, jogar com a sua escala e a do homem imerso nela, umha sorte de polifonia visual onde se junta certo panteísmo galego com referentes artísticos do sublime romântico. Começou com a tentativa de *Esliva* onde mistura o perfoântico e certa mensagem ecologista. Achega-se à chave em *Paisaxe-vibración* com o que é capaz de absorver as forças telúricas. Mas atina com o objetivo em

Montaña en sombra onde, centrando-se nas paisagens de alta montanha, é capaz de fazer um espetáculo altamente sensorial com as alterações atmosféricas das cimas nevadas. Esta curta-metragem levou-no diretamente a estreá-lo no Festival de Roma e a ser premiado no Festival de Oberhausen e no Fidocs.

Trás dar conta desta trajetória cheia de decisom e consciência nom é estranho que o seu filme mais ambicioso, síntese da sua trajetória até o momento, *Costa da Morte* acabase formando par-

te do concurso de um grande festival internacional. O projeto remonta-se a 2011 quando Patiño o apresentou às ajudas de talento a longa-metragens da Junta da Galiza. Ficou latente durante vários anos, fazendo-se aos poucos, deixando-se contagiar e contagiando a outros dos seus trabalhos que transcorriam em paralelo. Prolongou-se no tempo polas distintas etapas de filmagem onde Patiño conviveu e explorou o território. A ideia era dar conta da paisagem e da vida de um espaço como é a Costa da Morte dentro das suas variações ao longo dum ano. No documental de Patiño sai à luz a especial relação que tem o homem com a natureza imponente e avassaladora. Um prisma de seqüências que se vam decorrendo por meio de relações visuais ou sonoras. Também estabelece um interessante e nutriente jogo com a incorporação de diálogos com figuras na distância. Nestes pontos cobra protagonismo a voz humana que interrelaciona com o território fazendo que emerjam pesadelos do passado, as dificuldades do presente e as arelas do futuro.